

Na pandemia: Uma prece e um clamor que subjazem na solidão

Frei Sonival Marinho da Silva, OFMCap¹

Resumo: Uma abordagem livre e meditativa que pretende ajudar, provocar um diálogo pastoral e uma prece de solidariedade diante do sofrimento humano e da sensação de abandono, neste contexto de Pandemia. À luz da fé cristã, refletir sobre as fragilidades, temores e clamores que subjazem no coração do homem. Para esse itinerário, far-se-á uso do pensamento de alguns teólogos, filósofos, músico, poeta e textos bíblicos que ajudará a facilitar o pretense colóquio. Pensadores esses, selecionados por trazerem uma reflexão séria, obtida através da experiência pessoal - natural ou imposta - com a dor, o sofrimento e a sensação de abandono. Percorrer-se-á pelas vias da razão em busca de transcendência, sentido e compreensão da desolação humana e do silêncio de Deus. Contudo, por tratar-se de um assunto de amplo espectro e não se ter uma resposta eficazmente objetiva, o texto se resignará em provocar, encerrar e deixar o interlocutor diante da contemplação da imagem da cruz - lugar onde Deus sofre, se revela no silêncio, abandono e na aparente “impotência”.

Palavras-chave: Pandemia. Sofrimento. Clamor. Silêncio. Deus.

Ao refletir sobre este tema, ainda que envoltos em um contexto de pandemia, propomo-nos, com este texto, dialogar e peregrinar numa aventura especulativa. O percurso será permeado das questões e dos dramas humanos diante da sensação de abandono, mesmo como ‘religiosos’ e mediante a fé que professamos. Assim, trilharemos sob a ótica das teologias e pensadores que refletiram sobre o sofrimento humano. Porém, nossa perspectiva é encontrar reflexões que nos ajudem a dialogar sobre as incertezas, angústias, medos e sofrimento.

Não enveredaremos pelas vias do porquê o justo sofre. Porque sabemos bem que, levando em consideração a nossa própria condição humana e a forma como convivemos - *por vezes, harmonicamente, com relações de injustiça* - talvez não tivéssemos material para dar grandes passos. O nosso caminho deter-se-á em recolher ideias que nos ajudem a dialogar sobre a fé em Deus - neste momento histórico em que se torna perceptível em nosso meio a sensação de ausência e abandono.

Diante do exposto, uma constatação: há um clamor que ecoa em todos os cantos da terra: “Senhor, salva-nos, nós perecemos!” (Mt 8,25). Há pouco mais de um ano lidamos com uma pandemia que impõe cerceamento de nossa liberdade e do cultivo das relações sociais – como lugar primordial de humanização do nosso SER HUMANO. Pessoas de diversas nações e religiões clamam por ajuda e proteção. Neste ínterim de preces, contemplamos e constatamos um cenário crescente de vitimados no qual mais de 3,5 milhões pessoas foram e ainda são acometidas pela COVID-19 e tiveram e têm suas vidas ceifadas todos os dias.

1 Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

O medo, entre tantas outras fragilidades próprias de nossa condição, fortemente se impõe. Nossos clamores humanos se inserem no tempo atemporal dos deuses no qual a teofania desejada se vela e se esconde. Nesse frágil recorte, há de se levar em conta, ainda que fora dos arquétipos do campo teológico, a poesia e o rogo contidos na canção, intitulada *Teofania*, de Chico César:

[...] Muitos me dirão: que não!
Que nada é divino: nem o pão, o vinho, a cruz.
Outros rezarão: em vão!
Pois nada responde e tudo se esconde - em luz.
[...] Quanta solidão!
e eu não sei se homem só suportarei.
Um sinal, um não,
e silencie, aqui e além, a dor[...]

E, no silêncio resignados, por entre crenças e descrenças, simplesmente peregrinamos. É claro, e bem sabemos, que tempos e realidades difíceis não se constituem em exclusividade do nosso hoje, mas da história humana. O problema religioso e de fé se estabelece porque na construção de nossa história e, nas experiências religiosas plurais, nos tornamos aptos a conceber inúmeras imagens de Deus. Imagens que apontam sempre para uma ação imediata e triunfante, porém, quase nunca levamos em conta a possibilidade de um Deus que sofre.

Por entre o caos e o cosmos construímos esta história amalgamada pelas constantes desconstruções e reconstruções do nosso ser, crer, pensar, fazer... e, em meio a toda essa plástica cena permeada de sofrimento, lutos e perdas, ecoa a voz daqueles que – também atônitos – falam do esperar na contínua ação de Deus em nossa história.

Esperar que esta afirmação por si só traga alento talvez seja muito entusiasmo. Conciliar a ideia de um Deus compassivo e misericordioso com as imagens cotidianas dos inúmeros mortos, desvalidos, desempregados e abandonados constitui-se um grande desafio. Na tese de doutorado de Ariel Fingerman, sobre a *Teologia do Holocausto*, o autor, logo no início de sua introdução, elenca alguns dos possíveis impactos causados pela sensação de abandono e sofrimentos duramente experimentadas pelo ‘povo de Deus’ no holocausto:

O Holocausto não ameaçou apenas a existência física dos judeus, mas também o judaísmo como religião. O massacre do “povo escolhido” na Europa nazista, num nível de barbárie inédita na história mundial, pareceu para muitos ter abalado as estruturas de uma fé que reivindica um especial relacionamento com um Deus definido como bom, justo e preocupado com os assuntos humanos. (FINGUERMAN, 2012, p. 8).

Guardadas as devidas proporções, o momento presente, nesta realidade pandêmica, evoca e ecoa a sensação e o silêncio de uma ausência ou do abandono também. De um lado, os dramas da humanidade. E, por outro lado, o discurso religioso que parece contentar-se em repetir sentenças alcunhadas, fáceis e prontas. Levar em consideração os dramas e o momento atual à luz das lições apreendidas com a história ajudar-nos-á, não a repetir, mas a construir e compor respostas que acalantem a nossa alma, consolem nossos corações e saciem nossa razão.

O papa João Paulo II, na *Carta Apostólica Salvifici Doloris* (sobre o sentido cristão do sofrimento humano), disse:

No fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: porquê? É uma pergunta acerca da causa, da razão e também acerca da finalidade (para quê?); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido. Esta não só acompanha o sofrimento humano, mas parece até determinar o seu conteúdo humano, o que faz com que o sofrimento seja propriamente sofrimento humano. (J. PAULO II, SD 1984, n.9)

Assim sendo, o exercício de perguntarmos-nos acerca da razão e do porquê não nos desumaniza e nem nos torna, a princípio, hereges. Ao contrário, nos humaniza e dá forma às nossas buscas pela necessidade de encontrar respostas válidas à nossa consciência de homens de fé. Contudo, a ciência e os instrumentos de conhecimento disponíveis ao nosso alcance podem nos ajudar na percepção do transcendente e sobrenatural – mesmo quando Ele não aparenta nada fazer em nosso auxílio. No entanto, é preciso libertarmos-nos das pretensas culpas ou punições e nos permitir conduzir numa necessária transição na compreensão de um deus impávido a um Deus que sofre com o nosso sofrimento e que faz história conosco.

No momento, o que temos de concreto é a realidade. E nela, experimentamos hoje, sem exceções, dias de aridez e noites escuras. Há esperança! Porém, há tristeza. As palavras do salmista traduzem este sentimento recôndito e ‘negado’, mas presente e cheio de verdade, aos que imploram:

Ó, minha alma,
 por que te entristeces a gemer em meu peito...
 Espera em Deus, louvarei novamente
 ao meu Deus Salvador. (Sl 42,5)

Os títulos clássicos e tradicionais atribuídos a Deus - a saber: Salvador, Onipotente, Onipresente, Onisciente, Todo poderoso, Rei do universo, Senhor do Céu e da Terra... – trazem consigo a força de - através do uso da palavra - invocar e apressar a intervenção de Deus na história? Estaríamos indignos de sua presença? Ou será que não sabemos como chamá-lo?

Sofrer as demoras de Deus e esperar resignados é somente o que nos resta? No íntimo, nos perguntamos: Deus caminha conosco ou não? Então: Onde está Deus?

Bruno Forte, arcebispo de Chieti-Vasto e teólogo italiano, em seu livro: *Nos caminhos do Uno. Metafísica e Teologia*, diz:

[...] na revelação Deus se manifesta na Palavra, além desta Palavra, autêntica autocomunicação divina, está e permanece um Silêncio divino. Este silêncio divino é antes de tudo a Não-Palavra, a posterioridade misteriosa e nascente da qual a Palavra vem e junto da qual a Palavra esteve e está na eterna história de Deus (FORTE, 2005, p. 260).

Assim, somos, através do pensar teológico, inseridos numa misteriosa contemplação do divino silêncio e da espera. Dessa forma, configuramo-nos à imagem da Igreja Católica na liturgia do sábado santo - diante do túmulo: aos prantos, enlutada e na desolação. Nos damos conta que apesar de tudo o importante é ter esperança. Como se não bastasse este penar profundo, Tomás Halík, padre e Teólogo Tcheco, em seu livro: *A noite do confessor: a fé cristã no mundo de incerteza*, diz:

Que sentido tem um Deus que não sabe o que fazer do sofrimento, ou se o sabe, não nos quer ajudar? Mas se nós lhe viramos as costas, será que isso ajuda a nos livrarmos do sofrimento, ou será que, pelo contrário, nos privará da força para confrontarmos e fazermos frente ao mal e ao sofrimento? (HALÍK, 2016, p. 156-157).

Talvez, nesse momento, alguém se pergunte: esta crise cheia de questionamentos demonstra algo mais que a fragilidade do homem diante do sofrimento? Não seriam as certezas que deveriam nos animar? A resposta a essas questões é simples: A Palavra precisa ter carne, experiência e verdade. Não se trata de uma poesia sobre o nada. Ou mesmo, palavras que se perdem na limitação das crônicas do meramente humano. A necessidade é de uma Palavra que penetre até as entranhas e que arrebate ao mistério que ela evoca e que a transcende, mas que revela uma presença confortadora e que faz ecoar perto de nós aquele: “Tende *coragem!* Sou *Eu!* Não tenhais medo!” (Jo 6, 20).

Qualquer outra experiência menor que esta, apenas suscitará e reforçará a sensação de ausência, vazio e abandono. A Teóloga e Dr^a Aíla Andrade, em seu artigo sobre a *Teologia e o sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral*, descreve bem este desejo, quando diz:

[...] a piedade cristã descarta a ideia de uma divindade indiferente às vicissitudes de sua criatura. A compaixão, que é uma perfeição das mais nobres no ser humano, deve existir em Deus. A compaixão não é uma falha de poder, nada impede que a compaixão possa coexistir com a bem-aventurança eterna.” (ANDRADE, 2016, p. 326)

Basicamente, a composição da oração, súplica, prece ou clamor a Deus está repleta do desejo de compaixão, ajuda e auxílio diante das aflições. Aí está o cerne e a razão do nosso crer! A certeza de que há compaixão em Deus. Contudo, é preciso dar um salto qualitativo nesta experiência de fé para que ela seja genuína. Deixar de lado a crença na magia de uma ação imediata que, à semelhança do filme: *As crônicas de Nárnia*, nossa oração abriria um portal e teria imediatamente o poder de - em casa ou na Igreja - nos remeter ou transportar para um outro espaço “no reino da magia e do sagrado”.

Nesse aspecto, o filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) - *considerado um dos maiores nomes da filosofia francesa contemporânea* - traz uma necessária consideração com duas características que nos ajudarão neste caminho de reflexão sobre a crença religiosa. A primeira demonstra-se pelo encanto espontâneo com o mundo sagrado, que ele chama de “ingenuidade primária”, onde, mais cedo ou mais tarde, chega o momento em que a pessoa dá consigo fora dos muros desse paraíso. Enquanto na segunda, que ele chama de “segunda ingenuidade”, trata-se de uma fé que passou pelo fogo da crítica e das dores, mas que ainda se encanta com os ritos, narrativas e o simbolismo religioso. Talvez a palavra ingenuidade esteja incomodando, agora, porque ela nos remete a possibilidade do engano e não das certezas. Chegamos até aqui para “*cair em si*” e nos dar conta de que precisaremos sair desta trilha, porque talvez a razão e a lógica também não nos levarão muito longe.

Como poderemos crer ou demonstrar que Deus está ‘presente’ e ‘visível’ no mundo? Tomás Halík vai dizer:

Deus está presente e visível no mundo mediante os atos de fé, amor e de esperança das pessoas que acreditam – e não como uma entidade que pode ser apreendida de outra maneira qualquer.” (HALÍK, 2016, p. 236)

Mas, Deus é e permanece um mistério que está para além (transcende) da racionalidade, da lógica e das palavras ou simplesmente estamos diante do vazio? Joseph Ratzinger, no livro: *Deus e o mundo: fé e vida em nosso tempo*, traz luz a esta questão simples e complexa – digo complexa porque nos compromete inteiramente – quando diz:

A verdade da palavra de Jesus não pode ser testada em termos de teoria. É como uma proposição técnica: só se pode verificar que está correta, testando-a. A verdade daquilo que Deus diz aqui implica a pessoa inteira, a sua experiência de vida. Só se pode tornar clara para mim se eu me abandonar de verdade à vontade de Deus... Essa vontade do Criador não é algo alheio a mim, algo exterior, mas sim a base do meu próprio ser. (HALÍK, 2016, p. 236)

Todavia, quando imersos estamos em tempos difíceis não basta uma bela verdade universal ou uma proposição a lançar-se numa via de abandono com inteireza e de forma incondicional. Precisaremos, para este fim, de testemunhas e exemplos de que vale a pena dispensar tal esforço. Uma luz que nos guie por entre a escuridão das noites escuras do nosso limitado pensar e querer. E, como um balsamo de refrigério, ecoam as palavras do Papa Francisco, em sua meditação sobre a via-sacra no coliseu na Sexta-feira Santa, 29 de março de 2013, apontando-nos para a Palavra definitiva de Deus sobre o sofrimento, quando diz:

Nesta noite, deve permanecer uma única palavra, que é a própria Cruz. A Cruz de Jesus é a Palavra com que Deus respondeu ao mal do mundo... Às vezes – continuou Papa Francisco – parece-nos que Deus não responde ao mal, que permanece calado. Na realidade, Deus falou, respondeu, e a sua resposta é a Cruz de Cristo: uma Palavra que é amor, misericórdia, perdão. É também julgamento: Deus julga amando-nos. Se acolho o seu amor, estou salvo; se o recuso, estou condenado, não por Ele, mas por mim mesmo, porque Deus não condena, Ele unicamente ama e salva. (P.p FRANCISCO, 2013)

Diante da sabedoria de Deus e da limitação de nossa compreensão, resta-nos, – não como recurso dos desesperados – mas como resposta de fé e de esperança, depositar a firme confiança Naquele que não desampara os desvalidos e é movido pela compaixão. Na narrativa dos sofrimentos impostos a Jesus Cristo, na cena do caminho do calvário, identificamos também as dores, a sensação de abandono e os sinais sensíveis que nos colocam diante da imagem Deus que sofre. Por fim, recorreremos a mística e espiritualidade de Benjamin González Buelta, em seu livro: *Ver ou Perecer*, que com poesia eleva o nosso olhar, ainda à espera, em direção ao Absoluto, com o clamor:

À beira da rua
Olha-me Senhor
à beira da rua
enquanto corre a vida.

Estás passando sem cessar
na pele mulata das pessoas,
mas não te vejo.

É a última consistência
de cada dorso que se dobra,
mas não te abraço.

É nosso e teu

o aroma da pobreza,
mas não te cheiro.
És uma gota de ternura
em cada paladar apaixonado,
mas não te saboreio.

Dás impulso aos giros das rodas
e ao grito da dignidade,
mas não te ouço.

Tende piedade de mim
inevitável mendigo de Absoluto!
Sustenta minha vigília
até o instante exato
em que se dissolva
a superfície das coisas
e te reveles a meus sentidos
que afinas na espera. (BUELTA, 2012, p. 91)

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro. A teologia e o Sofrimento no contexto pós-moderno: pistas para o aconselhamento pastoral. Revista: Estudos Teológicos. São Leopoldo, p. 321-330, jul./dez. 2016. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2826 > acesso em: 18 de março de 2021.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BUELTA, Benjamín González. Ver ou Perecer: mística de olhos abertos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

FINGUERMAN, Ariel. Tese de doutorado: A Teologia Judaica do Holocausto: Como os pensadores ortodoxos modernos enfrentaram o desafio de explicar a Shoá. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-12012009-172012/publico/ARIEL_FINGUERMAN.pdf > acesso em: 07 de março de 2021.

FORTE, Bruno. Nos caminhos do Uno. Metafísica e Teologia. São Paulo: Paulinas. 2005.

FRANCISCO, Papa. Via-sacra no Coliseu: Palavras do Santo Padre. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130329_via-crucis-coloseo.html > acesso em: 15 de março de 2021.

GOMES, Paulo R. O Deus Im-Potente: o sofrimento e o mal em confronto com a Cruz. São Paulo: Loyola, 2007.

HALIK, Tomás. A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza. Petrópolis: Vozes, 2016.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apostólica Salvifici-Doloris. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html. > acesso em: 15 de março de 2021.

PASSOS, João D. (Org). A pandemia do Coronavírus: onde estivemos? Para onde vamos? São Paulo: Paulinas, 2020.